

A EDUCAÇÃO COMO PAIXÃO INTEMPORAL

Histórias de uma Professora



Maria do Carmo Cruz

Porto, maio de 2022

Ficha técnica

Título: A Educação como paixão intemporal - Histórias de uma Professora

Autora: Maria do Carmo Cruz

Editor: José Matias Alves

Texto de apresentação: José Matias Alves

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Local: Porto

Data: maio de 2022

Fotos de capa: autoria de Maria do Carmo Cruz

ISBN: 978-989-53098-9-4

Doçura, amor e sapientia: a trilogia da vida de uma professora

José Matias Alves

(Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano – CEDH)

(<http://orcid.org/0000-0002-9490-9957>)

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: **Sapientia**: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.

Roland Barthes. Lição

1. Motivo

Como se sabe, este livro tem uma Autora, uma *autoridade na arte de ser humano*. Uma autoridade que começou na infância e nas sucessivas peregrinações. Conheci a Maria do Carmo desde os tempos da *Filipa*, fui sabendo a história maravilhosa que realizou em Mumemo (Moçambique), e toda a atividade que continuou a realizar depois de se aposentar. Ia lendo as suas publicações no *facebook*, e os textos que chegou a escrever no *Católica Porto Educação*. E sabia que a sua história de vida era um ensinamento valioso, um tesouro que não podia ficar escondido debaixo das pedras. Era um imperativo o desafio da escrita, da partilha de um percurso que nos enche de ensinamentos e de alegria.

E daí nasceu o desafio e o convite (como tantas vezes fiz): não quererás, Maria do Carmo, escrever a tua história de vida?

E a resposta foi rápida (com uma pequeníssima hesitação): por que não? Dá-me só algum tempo. E foi dado todo o tempo para que este texto pudesse surgir à luz do dia (e podemos dizer que foi breve na produção, na procura de imagens e estruturação, ainda que a doença a tivesse visitado por abril e maio de 22 e perturbado a finalização da narrativa.).

2. Cartografia de uma paixão docente

Poderíamos dizer que este livro é um mapa de uma paixão polifónica, cedo anunciada e revelada. Apenas com o rigor (e a sensibilidade) do coração seja-me permitido tecer a cartografia de uma paixão que cedo se revelou: a paixão de fazer crescer os outros, a paixão de ensinar, a paixão de unir as pessoas através do conhecimento, do aprender a conhecer, do aprender a saber fazer, a saber ser, saber conviver e a crescer juntos, fazendo lembrar os pilares da educação no célebre livro da UNESCO *Educação – Um tesouro a descobrir*. Esta foi a *carta de marear* que sempre orientou e animou a Maria do Carmo nos dois continentes onde intensamente viveu. E que fez dela um ser humano generoso, autêntico, compassivo, competente, solidário.

Poderia ainda dizer que as narrativas que nos oferece são um intenso fruto de uma dádiva sem fim. Quem faria o que fez em Mumemo (Moçambique)? Quem poderia fazer uma parceria tão grandiosa como a fez com a irmã Susana, justamente em Mumemo? Quem faria o que continua a fazer junto de milhares de falantes da língua portuguesa?

3. O sistema, a pessoa e a agência: elementos de uma sinfonia

A história que nos é aqui revelada, desde a infância até à idade atual (2022) revela uma permanente tensão entre o sistema, a pessoa e poder de agência do ator/autor. Isto é: não obstante o peso das circunstâncias, dos contextos, dos destinos (veja-se o caso do incêndio do moinho, mas há muitos mais...), há sempre uma saída possível para a liberdade, a ousadia e a determinação. Mesmo que a distância vá desde Condeixa, em Coimbra até Angola. O fio condutor das saídas das asfixias e dos labirintos parece-me ser a determinação, a vontade, o sonho (de evoluir, de se desenvolver, de servir). E de acreditar que *sonho comanda a vida, que sempre que uma mulher sonha, o mundo pula e avança*. E são estas realidades que nos animam, que nos fazem ver que outros mundos são possíveis, para além das misérias humanas.

E por isso, é que vejo a vida da Maria do Carmo como uma sinfonia: essa incessante procura de sintonia, de ultrapassagem dos limites sociais, económicos, culturais, de construção de uma vida plena e virtuosa sempre animada pelo amor ao próximo e em particular ao que muito cedo haveria de ser o seu marido e por quem nutriu um carinho, uma afeição, uma ternura, uma admiração, um amor sem fim. Mas, sendo isto verdade,

este amor pessoal nunca a impediu de estender este dom a um círculo muito maior de pessoas de muitos sítios e lugares.

Mas, passemos, então, a enunciar os 10 elementos desta singular sinfonia.

3. 1. A trilogia virtuosa da sapiência: ensinar, ensinar o que não se sabe e desaprender

A citação inicial de Roland Barthes bem pode ilustrar este primeiro e recorrente andamento da sinfonia: ensinar o que se sabe, ensinar o que não se sabe e desaprender para chegar ao estágio da *sapientia*, isto é, do sabor máximo possível [e é bom recordar que saber e sabor não podem deixar estar entrelaçados].

Ensinar o que sabe é fácil. Mas quantas vezes a Maria do Carmo teve de ensinar o que *não sabia*, isto é, teve de procurar, de pesquisar, de refletir, de se auto-iluminar, de se inspirar para fazer aprender os outros. Quantas vezes teve de desaprender o que a oprimia, o que a cercava, o que limitava o desejo de caminhar em direção a um horizonte que ela sabia que haveria de atingir. Quantas vezes teve de esperar que o tempo amadurecesse a possibilidade de progredir. Quantas vezes teve mesmo de inventar a possibilidade.

3. 2. Vocação

Há algo de litúrgico em muitas destas histórias. Chamei *vocação* a este segundo elemento porque quis destacar o seu sentido etimológico. A vocação é um chamamento, *vocare é chamar*. E parece haver, nesta história de vida um chamamento (ou múltiplos chamamentos). Não sabemos quem é o sujeito do chamar (os crentes poderiam pacificamente dizer que o autor é a divindade), mas parece não haver dúvida que há aqui uma força, um apelo interior para *ser tudo em cada coisa, pôr quanto és no mínimo fazes*, uma voz que diz o horizonte e o caminho. E depois há a ação, a determinação, a vontade, a persistência, a resiliência, *os golpes de asa* que tornam os sonhos possíveis.

3. 3. Inteligência sensível

A narradora possui o dom da inteligência (das várias inteligências). Este dom faz com que acredite no valor e no poder do conhecimento. E por isso sempre lutou de forma determinada pelo acesso ao conhecimento. As peripécias que teve de enfrentar

para se licenciar e ser *professora dos grandes* são uma odisséia rara que nos chega a comover.

Porque não basta sentir o chamamento. É preciso *andaimar* esse processo de escala progressiva. E isso só é possível se se aliar o *honesto estudo com a longa experiência misturado*, como nos ensina Luís de Camões.

3. 4. Amor ao próximo

O amor é a força motriz desta vida. O amor ao conhecimento, o amor aos outros, o amor aos *deserdados* (as histórias ligadas ao tempo de Mumemo são paradigmáticas a este propósito – pois quem é a professora que despende milhares de euros do seu próprio bolso para construir uma habitação digna para voluntários que queiram graciosamente ajudar a acolher, cuidar e formar milhares de moçambicanos que ficaram sem nada fruto de grandes cheias ocorridas a norte de Maputo?).

O amor, pois. O amor à vida, afinal. Aos seres humanos.

3. 5. Amor ao conhecimento (o triângulo pedagógico)

Já referimos que o amor é a força motriz desta narrativa. Mas gostaria de destacar o amor ao conhecimento como um elemento vital. O conhecimento liberta. O conhecimento emancipa. O conhecimento aumenta a possibilidade de transformação, de ajuda, de serviço, de dádiva. E esta é uma das lições maiores deste livro e desta vida maravilhosa. O engenho que teve de colocar para conseguir os livros por onde tinha de estudar. O gesto humanitário do proprietário da livraria Almedina (que aqui destaco como gesto invulgar de humanidade solidária) são bem o exemplo deste amor que gera depois uma competência plural nos modos de ser professora, ser diretora de escola, ser autora, ser criadora.

3. 6. A compaixão

Como assinala João Lobo Antunes numa resposta a uma entrevista - *Uma palavra que usa muitas vezes é “compaixão”*.

“- Compasio é mais do que a simples empatia, vai mais fundo. E cada vez mais interessa às neurociências, pois parece que o nosso cérebro está equipado para sentir compaixão, ou seja, para viver o sofrimento do outro. Apesar do progresso, e ainda mais

numa especialidade altamente tecnológica como a minha, nunca vi, não conheço arma nenhuma, de qualquer natureza, seja medicamentosa seja instrumental, que faça anular a necessidade da compaixão.”

E esta *compassividade, esta pedagogia da compaixão* é um ingrediente fundamental desta vida narrada. Como escrevi noutra contexto:

Há uma pedagogia da emoção que é preciso redescobrir no tempo da aridez tecnocrática. Há uma pedagogia da compaixão que é preciso acender na escuridão dos formalismos estéreis. Na selva da competição. Na angústia dos exames, das provas globais, do acesso ao ensino superior. No acesso a coisa nenhuma.

Há uma comunidade de afetos a construir no império sombrio das regras burocráticas que decretam a igualdade formal e a excelência das soluções universais. (Alves, 2016)

Este livro que tive o prazer de promover e editar é a prova e a esperança de que outro mundo é possível. Na condição de, à escala global, haver mecanismos eficazes de combate à barbárie.

3. 7. A procura incessante

Outro dos traços marcantes da história desta professora singular é a incessante procura de respostas para os problemas. Como referia Karl Popper, "viver é resolver problemas". É isso que é decisivo. O mundo põe problemas à vida. Ao mesmo tempo a vida é o pressuposto do problema, o pressuposto para o facto de haver problemas. (...) E as teorias que colocamos no mundo são tentativas de resolução de problemas.”

As histórias de vida que teremos oportunidade de ler são teorias e práticas de resolução de problemas da mais diversa natureza: da ignorância, da pobreza, da sobrevivência. E é, em larga medida, isto que faz desta vida uma dádiva de humanidade.

3. 8. A dádiva

Também já se sabe. “Quanto mais te dava, mais tinha para te dar” escrevia Eugénio de Andrade, no seu doloroso poema de separação “Adeus”. Mas estas são histórias de encontros, de gratidão e de dádiva. Que cresce na medida da doação. E esta é, também, uma lição maior do ser professora: a de doar conhecimentos e afetos, doar tempos de proximidade e encontro. Estes também são os gestos da comunhão que faz

a docência. E as marcas da eternidade do professor que fica para sempre na memória daqueles que transformou.

3. 9. A alegria de ensinar

Dizia Rubem Alves, no seu livro *Alegria de Ensinar* que “ensinar é um exercício de imortalidade, porque o professor continua a morar no olhar dos seus alunos”. E Santos Guerra prolonga esta mensagem, referindo

É necessário, em tempos de adversidade, procurar motivos que alimentem o entusiasmo. Jean Dean disse que um dos elementos de estímulo profissional para os docentes é a repercussão positiva que a docência tem nos alunos e que estes expressam, por vezes, de forma precisa e emocionada. Poucas profissões oferecem um tipo de compensações tão belas, tão profundas e tão ricas. Não é em vão que o professor trabalha com as ideias, com os sentimentos, com as atitudes, com os valores, com as expectativas, com as ilusões ... (p. 55).

Ora, aqui encontramos muitos motivos de entusiasmo e de alegria que faz do professor “o primeiro de todos os ofícios”, como também reconhecia Pierre Bourdieu (1985).

3. 10. A aprendizagem sem fim

Como última nota desta cartografia, refira-se a presença recorrente de um campo essencial ao ser professor: a aprendizagem permanente, a aprendizagem sem fim. E como é que se aprende? Pensando, refletindo sobre os obstáculos e os desafios, lendo, interagindo com pares do mesmo ofício para procurar as melhores soluções para os problemas. E também desaprendendo o que demonstrou ser um caminho inadequado.

E é esta atitude, esta humildade, esta ação reflexiva, esta aprendizagem permanente que fazem da docência uma atividade imprescindível para a construção de um futuro melhor.

4. Conclusão: um permanente exercício de humanidade

Esta narrativa de tantas partes e capítulos é, pois, uma odisséia de um ser humano extraordinário: sensível, generoso, competente, compassivo. Um ser humano com uma notável capacidade de doação, uma liderança servidora sem limites e sem fronteiras. Como também dizia João Lobo Antunes (2015) “por isso, mais do que uma mudança

sofri uma evolução, que introduziu outra doçura na relação com as pessoas”. Esta é uma vida cheia de doçuras.

Neste tempo tão cruel que vivemos precisamos destes exemplos de humanidade, destes faróis que iluminam as noites da perdição. E que não permitem o egocentrismo e a indiferença. A narradora é o sal da terra e a luz da humanidade. Como amigo e como leitor aqui deixo inscrito este testemunho para memória futura.

Referências

Alves, J. M. (2016), Uma pedagogia da compaixão, *Vozes à Solta*. Porto: Afrontamento. Pp. 159-166

Alves, R. (2003). *A alegria de ensinar*. Porto: Edições Asa

Antunes, J. L. (2015) João Lobo Antunes: “O pessimismo é uma profecia que se cumpre”. Entrevista ao Expresso, 31 de dezembro

Bourdieu, P./College de France (1985). Propostas para o ensino do futuro. *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 5,

Guerra, M. S. (2002). *Uma pedagogia da libertação*. Porto: Edições ASA